Fillipe Soares Romano – 6510650 – Programa de Pós-Graduação em Turismo

LEGADOS DE MEGAEVENTOS ESPORTIVOS

A palavra 'legado' no dicionário Aurélio (2018) significa deixar; transmitir por herança; no senso comum como 'algo que se recebeu' ou 'deixado para alguém a posterior' e nesse sentido, pensar sobre o que um legado de megaevento esportivo 'deixou à cidade que a recebeu'. Dentro dessa perspectiva a palavra 'legados' evidencia-se como um dos principais fatores de benefícios para realização dos megaeventos (FRENCH, 1997, p.3).

A primeira utilização da palavra 'legado' aparece durante o *International Symposium on Legacy of the Olympic Games 1984-2000*, oferecido pelo Comitê Olímpico Internacional – COI (2002). No documento, legado foi definido como um dos pré-requisitos fundamentais para o planejamento das atividades e postulando a cidade candidatar-se para ser sede dos jogos. Em seu estudo, Souza & Pappous (2013) discorrem que a criação de um documento que visa a atender às necessidades de planejamento a curto, médio e longo prazo, pensando no desenvolvimento de legados, foi posteriormente adotado pela FIFA e UEFA para seus eventos.

A primeira grande lacuna – para não dizer falha – dos organizadores foi a dificuldade de conceituação do termo 'legados'. O próprio COI (2002) classifica como problemático, complexo, fugaz e multidisciplinar para uma definição sólida e única, perpetuando-se desde então essa dificuldade entre os pesquisadores. (CASHMAN, 2006; VILANO; TERRA, 2008; TAVARES, 2014; ROMANO et.al., 2015; CONTARDI, 2016).

A afirmação de Tavares (2013) sobre os riscos no desenvolvimento de conceitos sobre megaeventos e legados ratifica outros autores que apresentam justificativas sobre o impasse, o fato dos trabalhos publicados abordarem de forma superficial, ora ignorando, ora não se propondo a analisar o conceito do legado por não ser o objetivo do trabalho, limitando-se somente a discussão dos resultados ou impactos gerados por essa atividade (VILLANO; TERRA, 2008; ROMANO et.al., 2015).

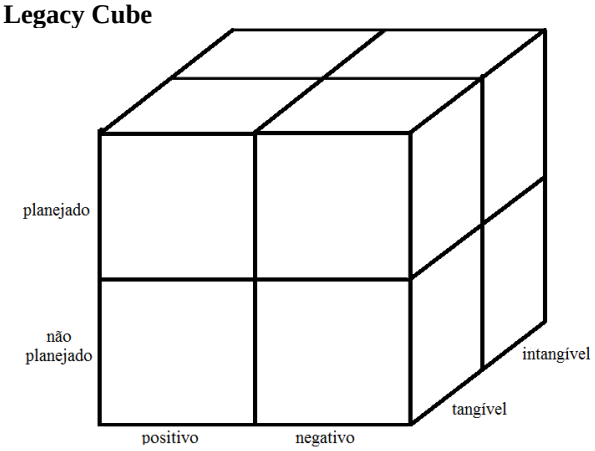
O trabalho realizado por Ritchie (1984) nos Jogos Olímpicos de Calgary é o exemplo mais antigo e citado nos artigos da área de Turismo. Este guia descreve as estruturas-chave utilizada na análise dos impactos de eventos, salientando o uso da palavra legados e orientando os leitores através das diferentes classificações de legados:

econômicos, socioculturais, físicos e ambientais, turísticos e comerciais, psicológicos, político e administrativos.

Posteriormente, Ritchie (2000) reformula o conceito, apresentando o legado como algo representativo que irá melhorar o bem-estar a longo prazo ou estilo de vida dos residentes de destino de uma forma muito substancial - de preferência de uma forma que reflita os valores da população local.

Dentre as primeiras propostas de compreensão dos legados, Preuss (2007) apresentou um modelo denominado *"legacy cube"* (figura 1), apresentando duas dimensões básicas dos legados: impacto em transcurso e tempo de ocorrência, que podem representar resultados (previsíveis ou estimados) ou intervenção dos organizadores.

Figura 1 – Modelo do Legacy Cube



Fonte: Adaptado de Gratton e Preuss (2008)

A definição de Preuss (2007) faz com que prevaleça a expressão analítica das dimensões múltiplas do megaevento, articulando-os o máximo possível e diminuindo sua delimitação por critérios arbitrários, analisando os estudos dos pré-eventos e candidaturas que se limitam a contemplar um subcubo – planejado, positivo e tangível.

> Nesta concepção espaço-temporal, o formato cubo permite diversidade nos desdobramentos de cada uma das três dimensões, possibilitando gerar variadas projeções por relacionamentos possíveis e estimativas delas recorrentes. O legado, nessas circunstâncias, é traduzido por um conjunto de previsões, em distinção ao produto final (construção, conhecimento, procedimentos, etc.) das interpretações tradicionais. (CONTARDI, 2016, p.31).

Pondera-se que apesar do COI (2002) não apresentar uma definição precisa de legados, o documento apresenta uma ferramenta de análise com a distinção entre legados tangíveis e intangíveis. Utilizando-se disso, Poynter (2008) apresenta o conceito que categoriza e define legados em duas grandes categorias: **tangíveis** e **intangíveis**, sendo a primeira toda a infraestrutura construída em decorrência do megaevento, sendo mensurável e quantificável, suscetível à análise econômica de custo benefício. Já as

intangíveis com mensuração não exata, de difícil quantificação e os efeitos repercutem sobre a autoimagem do lugar e de seus habitantes, como os aspectos socioculturais, atitudes e identidade. Os megaeventos significam mudança e transição, portanto, seu legado é um misto de tangível e intangível.

> Enquanto o tangível está a maior parte do foco dos estudos de impacto, ao utilizar análises de custo/benefício, as cidades olímpicas também têm identificado custos e benefícios intangíveis, algumas análises tem sugerido maiores benefícios no intangível do que no tangível (POYNTER, 2008, p.139).

O termo legado com certa frequência se presume a positividade total do termo, ou seja, não existe no contexto um legado negativo. Essa abordagem também é roborada por Owen (2005), Preuss (2008), Marcellino (2013) e Tavares (2013) que, vai além, apresentando como justificativa que um legado positivo evita descontentamento do público, justifica a utilização de recursos públicos na preparação do evento e estimula outras nações a sediarem os megaeventos.

Em seu estudo, Holger Preuss (2007a) define legado como um conceito tridimensional, sugerindo que os legados podem ser planejados ou não planejados, positivos ou negativos, tangíveis ou intangíveis, embora a maioria dos estudos pré-evento se concentrem apenas nos aspectos planejados, positivos e de dimensões tangíveis. De maneira concisa, Gratton & Preuss (2008, p.1924) conceituam legado, como: "[...] estruturas planejadas e estruturas não-planejadas, positivos e negativos, intangível e tangível criado através de um evento de esporte que permanecem após o evento".

Nota-se que os autores apresentam duas novas variáveis, sendo a primeira, referente à duração indeterminada que dificulta a quantificação do possível legado e a segunda refere-se à interpretação desse legado, que pode variar de acordo com o avaliador

Sob o aspecto de dualidade existente sobre a classificação dos legados em positivos ou negativos, Carvalho (2013) aponta dentre os legados positivos: mobilidade urbana, infraestrutura esportiva, visibilidade e desenvolvimento econômico. Já os aspectos negativos, tais como: projetos de mobilidade urbana que não foram executados; infraestruturas esportivas com investimentos superestimados e falta de transparência na gestão pública. O autor acentua que os investimentos feitos deveriam atender desejos da população, convergindo em necessidades dos megaeventos. No entanto, ocorre o contrário.

Em análise sob ótica do legado social, Rubio (2007), Poynter (2008) e Agha, Fairley e Gibson (2012) discutem a existência de vencedores e perdedores em um mesmo legado. “Um ponto crucial para entender legado é entender que um legado positivo para

as classes mais pobres, pode ser um legado negativo para as camadas mais ricas da sociedade" e vice-versa. E sob esse aspecto do legado social é a comunidade local quem ganha ou o perde, não os organizadores do evento – especialmente, a falta de interesse em considerar as reinvindicações de legado da população local, resultam em quebra de promessas e falta de responsabilidade por parte dos organizadores.

O legado sustenta que megaeventos devem ser planejados e administrados, de forma a gerar resultados positivos que durarão para além do tempo do evento. Nessa perspectiva, Tambucci (2007) e Chalip (2014) apresentam que o sucesso do megaevento depende da sinergia perfeita entre os responsáveis, antes, durante e depois da realização do megaevento.

A ideia de legado foi produzida e alimentada pelo COI como um contrapeso às críticas de que megaeventos, em especial os Jogos Olímpicos, são muito caros e deixam para trás instalações que são insustentáveis. Nessa perspectiva de necessidade de planejamento, Matias (2011) discute sobre as possibilidades dos megaeventos, onde

> O processo de planejamento deverá prever uma série de ações ligadas à infraestrutura e às comodidades para o evento, em prol de resultados positivos, como também aos impactos positivos e/ou negativos que estas causarão em relação aos aspectos ambientais, culturais, econômicos, políticos e sociais. O megaevento, se bem-sucedido, projetará uma imagem positiva ou renovada da cidade e/ou país-sede, por meio da mídia nacional e internacional, particularmente pela cobertura da televisão. É frequente também o megaevento proporcionar consequências a longo prazo no turismo, na realocação industrial e na entrada de investimentos (MATIAS, 2011, p.122).

A necessidade de planejamento para utilização correta de investimentos públicos, especialmente, melhorias na infraestrutura física são argumentos usados para justificar a candidatura, porém, a experiência internacional demonstra que a adoção dessa estratégia de crescimento econômico pelos megaeventos é de alto risco e mascara as prioridades do direcionamento do investimento público, causando efeitos indesejados, como: remoções, processos de gentrificação[1], aumento da dívida interna, endividamento à longo prazo, aumento das desigualdades, redução de serviços públicos, valorização econômica da área e "elefantes brancos" (CASHMAN, 2006; RUBIO, 2007; TAMBUCCI, 2007; OLIVEIRA, 2011; FIGUEIREDO; LIMA; ARAÚJO, 2013; ROMANO et.al., 2015).

---

[1] Gentrificação caracteriza-se em uma série de melhorias físicas ou materiais e mudanças imateriais – econômicas, sociais e culturais – que ocorrem em alguns centros urbanos antigos, os quais experimentam uma apreciável elevação de seu status, deslocando a população de baixa renda para outros locais. Mais detalhes, ver Bataller (2012).

Como fundamentação e apoio às iniciativas de encaminhamento do investimento público, Hiller (1998) discorre que a maioria dos trabalhos científicos são direcionados para avaliar os impactos econômicos dos megaeventos, mesmo vinte anos depois, apontam-se a justificativa de sustentar o elevado gasto, com análises imediatas dos impactos; consequentemente, ausência de testes pós eventos, análise dos impactos negativos e literatura escassa em determinados setores, especialmente aos intangíveis.

Em estudo do Olympic Studies Center (2014) com analise das publicações do COI, o indiscriminado uso dos termos 'legados' e 'impactos', são utilizados alternadamente com os critérios; onde o termo 'impacto' é usado, geralmente, para descrever efeitos econômicos, políticos, de programas ou projetos em ecossistemas e na sociedade em geral, sendo assim considerados como consequência a um efeito destrutivo, resultado prejudicial ou adverso. Já o termo 'legados' apresenta os efeitos positivos e de maior duração.

Após breve discussão sobre os termos de megaeventos e legados, Tavares (2007) apresenta diferenciação entre os conceitos de impactos e legados, onde os **impactos** apresentam caráter imediato, duração curta no tempo e possibilidade de valor ambivalente com efeito destrutivo/negativo. Já o conceito de **'legados'** engloba a ideia de longo prazo, menos imediato com possibilidade de valor positivo; podem ser planejados, controlados e medidos. Sendo assim, o legado relaciona-se às ideias de desenvolvimento sustentável e de sustentabilidade – condição de bens e recursos para uma geração sem que isto ameace as condições de existência da geração seguinte.

Uma das medidas marcantes a curto prazo, porém visando o longo prazo, é o conceito de '*legacy momentum'* ou 'momento legado' (LERI, 2007; MACRURY, 2008; POYNTER, 2008). Descrito como a capacidade de melhoria contínua na governança das instituições intervenientes no legado; do engajamento comunitário e mobilização da sociedade local em termos de renovação contínua de seus legados. Sendo assim, o legado se realiza e se renova com estabilidade e continuidade em prazos longos.

> O pressuposto fundamental do *legacy momentum* é do planejamento antecipado das ações que o levam ao estágio de sustentabilidade uma vez que legado não é alcançado, é um resultado, um processo de desenvolvimento por encadeamentos sucessivos do capital social e das estruturas da governança local. (LERI, 2007, p.73).

De maneira simplória, compreende-se como a capacidade da cidade e da economia seguir seu crescente desenvolvimento após imediato e natural decréscimo da atividade econômica pós término dos jogos. Necessita de um plano de regeneração com

novas fases pós evento, transformando as fraquezas em vantagens, promovendo inovações através do conhecimento adquirido na preparação e organização do evento.

Partindo dessa perspectiva LERI (2007) e DaCosta (2008) apresentam um modelo de estudo longitudinal de doze anos que utilizam 159 indicadores de sustentabilidade e 1726 variáveis econômicas, ambiental e social; analisada sob quatro fases, sendo: Concepção; Organização; Realização e Encerramento, denominado modelo OGGI.

O projeto denominado Impacto Global dos Jogos Olímpicos (OGGI) é o primeiro passo para criar alguma responsabilidade pelas promessas feitas na candidatura à sede de megaeventos (DACOSTA, 2007; PREUSS, 2008; AGHA; FAIRLEY; GIBSON, 2012). Embora não haja repercussões para os legados negativos, ao menos, avalia doze anos de variáveis econômicas, sociais e ambientais consistentes, que podem ajudar com a organização de eventos futuros, buscando maior realidade na expectativa de um possível legado.

A grande utilidade do OGGI é criar um potencial de comparativo útil sobre o desempenho das cidades-sede entre si, onde o foco principal está na fase final, como legado único dos jogos. Em contrapartida, apresenta dificuldade em recolher informações, visto as diferentes abordagens nacionais sobre os aspectos sociais, ambientais e econômicos. É difícil delimitar e provar que determinado fator ocorre somente em detrimento dos jogos, quando a análise ocorre em longo prazo; e os indicadores avaliam o tangível através de ações intangíveis, como exemplo, percepções qualitativas.

> O modelo OGGI se apresenta como síntese de vários componentes de megaeventos reunidos em torno de seus impactos, opera com indicadores selecionados e com acompanhamento da respectiva evolução em face a mudanças detectadas na ordem social, cultural e econômica de determinada região. (DaCOSTA, 2007, p.128).

Dentro do modelo OGGI cria ‘indicadores’ de medição concretas que abordam desde as com impacto direto, como a construção de infraestrutura ou Vila Olímpica, como dados de impacto indireto ou menos direto, como a evolução da infraestrutura hoteleira ou alteração da quantidade de áreas de lazer ao ar livre na cidade. Além de indicadores para monitoramento de dados contextuais, como a taxa de criminalidade, participação esportiva, que serão monitorados nos próximos anos.

Preuss (2008) elucida essas questões abrangentes através de uma matriz, onde é possível analisar divergentes áreas e segmentos de uma sociedade multidisciplinar,

prospectada sob as variáveis de visibilidade (visível e invisível) e espaço temporal (curto prazo e longo prazo), considerando os aspectos pré, durante e pós realização do evento. A figura 2, baseada em Preuss (2008) e Vico (2015) discute sob a mesma perspectiva, porém, considerando exemplos para melhor compreensão.

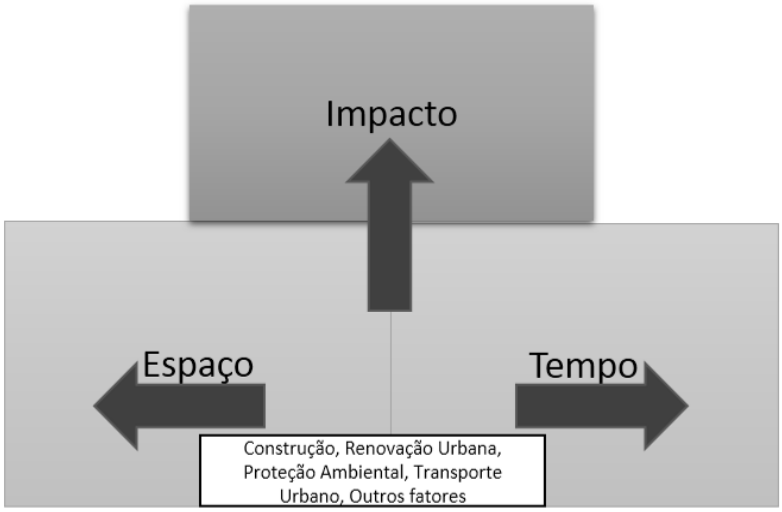
Figura 2 – Matriz de legado: O legado visível/invisível e a curto prazo/a longo prazo

Fonte: Baseado em Preuss (2008) e Vico (2015)

Reforçando essas medidas de análise, Villano et.al. (2008) sintetizam os possíveis legados em cinco categorias que se assemelham aos cinco pontos que Preuss (2007a) descreve como foco de sensibilidade dos legados. Com analise e revisão de 53 estudos e pesquisas, especialmente o *momentum legacy* (a) e o modelo OGGI (b), DaCosta (2007) desenvolveu o Modelo 3D de planejamento de um legado, que surge como fusão dos caminhos de revisão histórico-comparativa (a) e análise comparativa de benchmarking e identificação dos pontos de sensibilidade (b).

O Modelo 3D (figura 3) é denominado assim por considerar três variáveis essenciais: espaço, tempo e impacto, partindo de uma visão global e abrangente sobre legado. Surge como ferramenta possível de acompanhamento e replanejamento, caso necessário, possibilitando importância significativa aos legados que os megaeventos esportivos deram origem.

Figura 3 – Modelo 3D de avaliação e acompanhamento de legados esportivos.



Fonte: Adaptado de DaCosta (2007).

O modelo 3D de DaCosta (2007) tem praticabilidade adequada e precisão de desenvolvimento progressivo na medida em que os cenários são construídos e desdobrados com a entrada de novos dados, de acontecimentos incertos ou não previstos, sendo estes transformados em oportunidades nos casos de legados não planejados, especialmente, em impactos intangíveis.

Comparativamente aos modelos 3D e 5 tipos de legados apresentado por Preuss (2007), aborda-se que o modelo de Preuss revela fatores que podem ser maximizados em fatores pormenores; já o modelo 3D prioriza não hierarquizar e analise dos três fatores igualmente, oferecendo uma ferramenta de ajuste de planejamento prévio não apropriado sob aspecto de minimizar os prejuízos, ou seja, desenvolve uma ferramenta que prevê a necessidade de adaptação ou replanejamento.

Em seu estudo, Bechara (2008) apresenta um outro modelo de conceito operacional que suporta a aplicabilidade no planejamento e gestão de megaeventos sob a ótica da responsabilidade social e políticas públicas, utiliza-se de complexa metodologia que identifica, registra e armazena dados da região, comparando as dimensões: antes, durante e depois; apropriando-se de uma pesquisa de valor pela importância do legado e agregando à metodologia de análise SWOT e BSC. Porém essa metodologia é parcial, visto que a influência de legados intangíveis pode interferir significativamente no resultado do legado.

Segundo Kassens (2012), o legado é uma questão indefinida, onde os procedimentos analíticos adotados nos últimos anos mostram-se equívocos, incapazes de aferir diretamente a capacidade de alcançar as metas estabelecidas. Sendo o legado observado somente nos anos subsequentes às competições – analisa-se as atividades

propostas e intervenções a partir das próximas competições e não o impacto durante ou imediatamente pós evento.

> Os diversos investimentos para e pelos megaeventos esportivos deixarão no país, sobretudo no turismo, variados ganhos em investimentos que adequam a infraestrutura, a qualificação de seus profissionais, a grande visibilidade internacional e muitos outros benefícios que não são tangíveis. Mas, para tal sucesso, o planejamento, os ajustes, a execução e o monitoramento devem ser precisos, eficazes e eficientes. (SILVA, 2017, p.55).

Com a pretensão de padronizar às formas de trabalho e métodos comparativos dos possíveis legados, Romano et.al. (2015) sugerem a adoção de segmentação dos possíveis legados em diferentes áreas, sendo essas interdependentes e correlacionadas, divididas em: econômicos, estádios, impactos e legados sociais, infraestrutura, saúde, segurança e turismo.

Apesar da grande dificuldade de definir um conceito amplamente aceito sobre os megaeventos esportivos e legados, os autores apresentam pontos de convergência em suas análises, as quais foram retratadas e interpretadas, dentre elas, a compreensão de que os legados não estão ligados diretamente relacionados ao sucesso esportivo do megaevento, mas sim, dos benefícios que esse megaevento pode proporcionar à população.

Na discussão sobre os legados tangíveis desses megaeventos, o estádio de futebol apresenta-se como ícone dessa categoria, demanda uma parte significativa do investimento econômico na construção e remodelamento dos estádios, gastos consideráveis em estruturas físicas e equipamentos em seu entorno – com possibilidades de não haver um retorno para população local, seja na falta de investimento financeiro, nas raras atividades de lazer e entretenimento, seja pelo custo alto de manutenção em espaços onde o futebol não é prática comum da população local.

> Tal como os grandes monumentos, os estádios tornar-se-ão nos ícones de promoção local. Estes são os “gigantes adormecidos” do turismo”. Esta importância vai refletir-se consequentemente no crescimento das cidades e na aposta no replanejamento urbano. (ARRUDA, 2009, p.3).

Em sua pesquisa, Zawadzki (2015) apresenta que o legado dos megaeventos reconhecido com mais frequência são os estádios. A gestão futura destes locais terá influência sobre a relação geral do custo-benefício de sua construção/extensão. Dessa forma, o foco desta pesquisa se debruça sobre a discussão na relação entre os estádios de futebol, notadamente os legados de megaeventos esportivos, com a temática de turismo, na busca de compreender como essa interface pode auxiliar na auto sustentação, geração de receitas e atividades suficientes para cobrir os custos de manutenção e serviços desses

equipamentos, bem como os impactos gerados aos residentes na construção e utilização desse equipamento.

REFERENCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AGHA, N.; FAIRLEY, S., GIBSON, H. Considering legacy as a multidimensional construct: the legacy of the Olympic Games. **Sport Management Review**, v.15, p.125-139, 2012.

ARRUDA, M. J. **O estádio na cidade contemporânea:** caso particular dos estádios de futebol e o Euro 2004. 2009. Dissertação (Mestre em Arquitectura). Universidade Técnica de Lisboa, Lisboa, 2009.

BECHARA, M. Modelo M4 para gestão de legados de megaeventos esportivos com foco na responsabilidade social e políticas públicas. In: RODRIGUES, R. P. et.al. (Org.) **Legados de megaeventos esportivos = Legacies of sports megaevents**. Brasília: Ministério do Esporte, 2008.

CARVALHO, R. B. Megaeventos esportivos: Legados para economia. In: MARCELLINO, N. C. **Legados de megaeventos esportivos** / Nelson Carvalho Marcellino (Org.). – Campinas, SP: Papirus, 2013. – (Coleção Fazer/Lazer)

CASHMAN, R. The Bitter-Sweet Awakening. The legacy of the Sydney 2000 olympic games. Sydney, **Walla Walla Press**, 2006.

CHALIP, L. From Legacy to Leverage. In: GRIX, J. (Org.). **Leveraging legacies from sports mega-events: Concepts and cases**. London: Palgrave, 2014.

COI – Comitê Olímpico Internacional. International Symposium on Legacy of the Olimpic Games 1984-2000, Lausanne. **Conclusions and Recommendations**. Lausanne, 2002.

CONTARDI, D. M. **Os megaeventos esportivos e a infraestrutura aeroportuária**: legados da copa do mundo de 2014 no aeroporto internacional de São Paulo. Dissertação (Mestrado em Desenvolvimento do Turismo) – Escola de Artes, Ciências e Humanidades, Universidade de São Paulo, 2016.

DaCOSTA, L. P. Exemplos históricos dos jogos olímpicos – Beijing 2008 e a busca de um modelo de avaliação e de gestão de legados de megaeventos esportivos. In: RUBIO, K. (Org.) (2007). **Megaeventos esportivos, legado e responsabilidade social.** São Paulo: Casa do Psicólogo. ISBN 978-85-7396-588-9. 2007.

DaCOSTA, L.; MIRAGAYA, A. Estado da arte do conhecimento sobre legados de megaeventos esportivos no exterior e no Brasil: Introdução aos temas e autores deste livro. In: RODRIGUES, R. P. et.al. (Org.) **Legados de megaeventos esportivos = Legacies of sports megaevents**. Brasília: Ministério do Esporte, 2008.

DICIONÁRIO AURÉLIO DICIONÁRIO. **Significado de Legado.** Disponível em: <https://dicionariodoaurelio.com/legados>. Acesso em: 19 de abril de 2018.

FIGUEIREDO, F.F; LIMA, E.C.; ARAÚJO, M.P. Os impactos e legados nefastos dos

megaeventos esportivos no Brasil: Copa do mundo de 2014 e jogos olímpicos 2016. In: EGAL - Encontro de Geógrafos da América Latina, 14. 2013, Lima. **Anais...** Lima, 2013.

FRENCH, S. Atlanta and the Olympics. **Journal of American Planning Association**, v.63. n.3, p. 379, 1997.

GIL-ALANA, L.A.; FIGUEIREDO, O.H.; WANKE, P. Structural breaks in Brazilian tourism revenues: Unveiling the impact of exchange rates and sports mega-eventes. **Tourism Management**, 74 (2019), 207-211, 2019.

GRATTON, C. & PREUSS, H. Maximizing olympic impacts by building up legacies. **International Journal of the History of Sport**, v.25, n.14, pp.1922-1938, 2008.

GRIX, J., BRANNAGAN, P.M., WOOD, H., WYNNE, C. State strategies for leveraging sports mega-events: unpacking the concept of 'legacy', **International Journal of Sport Policy and Politics**, 9:2, 203-218, 2019.

GURSON, D., YOLAL, M., RIBEIRO, M.A., PANOSSO NETTO, A. Impact of Trust on Local Residentes' Mega-event Perceptions and Their Support. **Jornal of Travel Research,** 56(3), 2017.

HILLER, H.H. Assessing the impact of mega-events: a linkage model. **Current Issues in Tourism**, v.1, n. 1, p. 47-57, 1998.

KASSENS, E. **Planning olympic legacies**: transport dreams and urban realities. New York: Routledge, 2012.

LERI – London East Research Institute. **A lasting legacy for London? Assessing the legacy of the Olympic Games and Paralympic Games**. London East Research Unit, University of East London, 2007.

MARCELLINO, N.C. **Legados de megaeventos esportivos** / Nelson Carvalho Marcellino (Org.). – Campinas, SP: Papirus, 2013. – (Coleção Fazer/Lazer)

MACRURY, I. Regeneração social e cultural. In: RODRIGUES, R. P. et.al. (Org.) **Legados de megaeventos esportivos = Legacies of sports megaevents**. Brasília: Ministério do Esporte, 2008.

MATIAS, M. Os efeitos dos megaeventos esportivos nas cidades. **Revista Turismo & Sociedade**, Curitiba, v. 1, n. 2, p. 175-198, 2008.

MULLER, M. Approaching paradox: Loving and hating mega-events. **Tourism Management.** 63 (2017), 234-241, 2017.

OLIVEIRA, A. A economia dos megaeventos: impactos setoriais e regionais. **Revista Paranaense De Desenvolvimento**, Curitiba, n.120, p.257-275, 2011.

OWEN, J. **Estimating the cost and benefit of hosting Olympic Games:** what can Beijing expect from its 2008 Games? The Industrial Geographer, v.3, n.1, p.1-18, 2005.

POYNTER, G. **From Beijing to bow bells** – Measuring the Olympic Effect.

London: London East Research Institute – Working Papers in Urban Studies, 2007.

_____. Regeneração urbana e legado olímpico de Londres 2012. In: RODRIGUES, R. P. et.al. (Org.) **Legados de megaeventos esportivos = Legacies of sports megaevents**. Brasília: Ministério do Esporte, 2008.

PREUSS, H. The conceptualisation and measurement of mega sport event legacies. **Journal of Sport & Tourism**, v.12, n. 3–4, p. 207–227, 2007a.

_____. Winners and losers of the olympic games. In: HOULIHAN, B. (ed.), **Sport & Society**, PP418-438. London, Thousand Oaks, CA & New Dehi: Sage, 2007b.

RITCHIE, J.R.B. Assessing the impact of hallmark events: Conceptual and research issues. **Journal of Travel Research**, v. 23, n. 1, pp. 2-11, 1984.

_____. Turning 16 days into 16 years through Olympic Legacies. **Event Management**, v.6, p.155-165, 2000.

ROMANO, F.S.; VICO, P.R.; SILVA, A.C.; UVINHA, R.R. Megaeventos Esportivos: uma reflexão sobre os legados da UEFA Eurocopa. **PODIUM Sport, Leisure and Tourism Review**. v. 4, n. 3. 2015.

RUBIO, K. (Org.) **Megaeventos esportivos, legado e responsabilidade social.** São Paulo: Casa do Psicólogo. ISBN 978-85-7396-588-9, 2007.

SOUZA, D.L.; PAPPOUS, S. Legados esportivos de megaeventos esportivos: uma revisão de literatura. **Revista Motrivivência**. Ano XXV, nº41, p.42-56, 2013.

TAMBUCCI, P. Jogos olímpicos: uma marca de apelo turístico. In: RUBIO, K. (Org.) (2007). **Megaeventos esportivos, legado e responsabilidade social.** São Paulo: Casa do Psicólogo. ISBN 978-85-7396-588-9. 2007

_____. Megaeventos esportivos. **Revista Movimento,** v.17, n.3, p. 11-35, 2013.

VICO, R.P. **Os megaeventos desportivos na percepção da comunidade local:** o caso do mundial de futebol do Brasil 2014 pelos moradores de Itaquera em São Paulo. 2015. Dissertação (Mestrado em Turismo) - Escola Superior de Hotelaria e Turismo do Estoril, Estoril, 2015.

VILLANO, B. et.al. Seminário "Gestão de Legados de Megaeventos Esportivos": pontos de convergência. In: RODRIGUES, R. P. et.al. (Org.) **Legados de megaeventos esportivos = Legacies of sports megaevents**. Brasília: Ministério do Esporte, 2008.

VILLANO, B.; TERRA, R. Definindo a temática de legados de megaeventos esportivos. In: RODRIGUES, R. P. et.al. (Org.) **Legados de megaeventos esportivos = Legacies of sports megaevents**. Brasília: Ministério do Esporte, 2008.

ZAWADZKI, K. Euro 2012 economic impact on host cities in Poland. Gdansk University of Technology. **Munich Personal RePec.** 2015. Archive. 64522. Disponível em: <http://mpra.ub.uni-muenchen.de/64522/>. Acesso em: 20 abr. 2017.